

Manuel António Pina

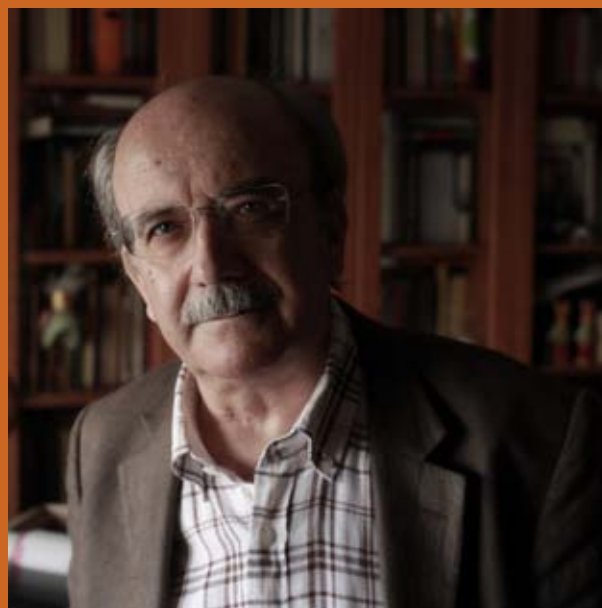
diz que

há palavras que são amigas e outras dão-se muito mal umas com as outras

Este escritor e jornalista mora hoje no Porto e viveu em muitos sítios diferentes enquanto crescia, mas sempre entre os rios Douro e Tejo. Gosta muito de palavras, de brincar com elas (sempre com cuidado, para não juntar palavras que se dão mal...), e encontrou na escrita uma forma de afugentar os medos. Entre outros segredos, revela que para gostarmos de uma coisa difícil, como a matemática, é apenas necessário conhecê-la.

Nasceu no Sabugal; que recordações tem desse lugar?

Nasci no Sabugal há muito tempo e a memória, com o tempo, perde-se. Saí do Sabugal muito cedo, tinha 4 anos. O meu pai tinha uma profissão que o obrigava a andar sempre de terra em terra; dali foi para Castelo Branco (e eu fui com ele). Curiosamente, apesar de ter 4 anos quando saí de lá, tenho algumas memórias muito antigas, e algumas muito nítidas. Em frente da casa dos meus avós (onde nós vivíamos, onde nasci) havia uma grande fonte de mergulho. Uma fonte de mergulho porque não tinha bica ou torneira; era uma espécie de lago e a água era usada para limpezas. Devia ter três anos; tinha um chapéu de palha para o sol, e um miúdo deu-me uma pancada no chapéu, que caiu para essa



Pedro Macedo - Framed Photos

.....

fonte de mergulho (que eu julgava que era muito grande). Como o outro miúdo é que atirou o chapéu para a água, recusei-me a ir lá buscá-lo por orgulho; achava que o que era justo era ele ir lá apanhá-lo, e ele foi-se embora. Eu também me recusei e fui assustadíssimo para casa sem chapéu, cheio de medo que a minha mãe me ralhasse ou fizesse alguma cena. Se calhar por isso é que me lembro disto: fui com tanto medo para casa, mas não apanhei o chapéu, estava disposto a assumir as consequências. Uma amiga da minha mãe, a ti' Céu, é que desceu as escadas e foi lá buscá-lo. Tenho outra memória, mas já não me lembro se me lembro eu, se me lembro de a minha mãe contar. A minha mãe estava a dar-me o almoço, tinha 4 anos, numa daquelas cadeiras altas em que as crianças comem amarradas. Não havia água quente canalizada naquela altura; a minha mãe preparava o banho do meu irmão aquecendo a água num fogareiro a petróleo, que estava aceso na cozinha. O meu irmão começou a tentar imitar a minha mãe, puxou a água, o fogareiro caiu e a água a ferver caiu por cima dele. Ele desatou aos gritos, a minha mãe largou o que estava a fazer, pegou nele ao colo e julgou que ele tinha cegado (tinha a cara cheia de queimaduras – já passaram mais de 60 anos e ainda hoje ele tem na cabeça uma grande pelada, que disfarça com cabelo). A minha mãe pegou nele e saiu de casa a correr para o levar ao médico, mas entretanto o fogareiro de petróleo ficou no chão e incendiou a casa. Eu estava amarrado à cadeira e não podia sair da mesa. Comecei aos gritos e foi uma vizinha que me veio buscar, já estava a casa cheia de fumo. Desta memória não me lembro com muita nitidez, recalquei-a, e provavelmente grande parte desta memória é da minha mãe e não minha.

Em quantos sítios viveu e em que sítios?

Vivi no Sabugal; em Castelo Branco, onde fiz a 1ª classe e depois a admissão ao liceu; na Sertã do 2º ao 4º ano; fiz o 5º e o 7º anos em Cernache do Bonjardim; o 6º em Santarém; o 8º e o 9º em Oliveira do Bairro; o 10º em Aveiro; o 11º no Porto e a Universidade em Coimbra. Fiquei sempre entre o Douro e o Tejo.

Tinha medos quando era pequeno?

Quem não tem? Ainda hoje tenho.

Medo de quê?

De muitas coisas. Tinha medo de ter medo; hoje ainda tenho mais medo de ter medo, além de outros medos. Hoje, por exemplo, continuo a ter um medo que tive desde pequeno, o medo das trovoadas; não gosto nada, afligem-me muito. Havia um pesadelo horrível que tinha muitas vezes: imaginava que saía de casa dos meus pais e atravessava a rua para o lado de lá para ir à escola, na Sertã, e começava a passar um comboio enorme na rua, eterno, que nunca mais parava, e eu não conseguia voltar para casa. Tinha muito medo de não poder voltar a casa.

Como fez para ultrapassar esse medo?

Descobri um truque para quando tinha pesadelos: acordava de noite e escrevia os pesadelos. Ao escrever aquilo ia perdendo o medo porque começava a preocupar-me com as palavras. Queria dizer o que me tinha acontecido, descrever um sentimento qualquer; não me ocorriam as palavras e andava à procura delas. A certa altura o pesadelo já estava mais pequenino e em primeiro plano as palavras. Quando acabava de escrever, apagava a luz, virava-me para o outro lado, adormecia outra vez e o medo já se tinha ido todo embora – ficava no papel.

.....

Estudou direito, mas é escritor. Porque é que decidiu ser autor em vez de advogado?

Fui advogado uns anos e não decidi ser autor. Todas as profissões que tive (também sou jornalista) têm uma característica que, para mim, é uma sorte: o trabalho é com palavras escritas – quer no Direito, quer no jornalismo. A escrita não é propriamente uma profissão, é mais uma diversão, por isso dizia que não fui eu que escolhi ser autor de livros; até costumo dizer que a profissão é que me escolheu a mim. Desde muito pequenino – disso lembro-me perfeitamente –, com 6 ou 7 anos, respondia sempre em verso àquelas perguntas um bocado estúpidas que os adultos fazem às crianças, como «O que é que queres ser quando fores grande?»; fazia versinhos sobre os medos, as histórias que ouvia contar e que achava bonitas... Há outras pessoas que pintam, tocam um instrumento ou cantam... Sempre me deu para escrever, por isso disse há pouco que era uma grande felicidade trabalhar em atividades em que as palavras e a escrita são o centro. Trabalhei sempre em jornalismo escrito, em jornais (e não na televisão ou na rádio, em que existe mais a palavra falada); no caso do Direito, uma das suas características é que é fundamental a palavra (principalmente na advocacia). No Direito os conflitos transformam-se todos em debate verbal: uma pessoa está em conflito com outra, leva-a a tribunal, cada uma explica as suas razões e aquele conflito (que pode ser físico) transforma-se em discussão verbal. É um dos grandes méritos que tem o Direito, pois os problemas não se resolvem à pancada, mas discutindo, e por isso a palavra tem também aí um lugar central. Tive essa felicidade. Se pudesse escolher qualquer curso, tinha escolhido Românicas (estudar literatura), mas não pude porque os meus pais não tinham meios para isso. Na altura havia muito poucas universidades – só em Coimbra, Lisboa e Porto – e Direito só existia em Lisboa e Coimbra. A única hipótese era não ir às aulas, ser aquilo a que na altura se chamava «aluno voluntário». Foi um bocado empurrado pelas circunstâncias que fiz Direito. Embora por vezes conseguisse ficar em casa de um primo meu, numa república ou em casa de amigos em Coimbra (na altura vivia no Porto) durante quinze dias ou uma semana, nunca me deu para ir às aulas da faculdade de Direito, ia sempre às da faculdade de Letras, ou então metia-me na biblioteca da universidade a ler livros.

Escreveu um livro de «desmatemática». Quando era novo gostava de matemática ou havia outras disciplinas de que gostava mais na escola?

Sempre gostei muito de matemática e de português. Nós normalmente gostamos daquilo que conhecemos melhor e quando dizemos que não gostamos de uma disciplina é porque não a conhecemos, porque todas as formas de conhecimento são maravilhosas. Se alguém disser «Não gosto de matemática» é porque não a percebe e não a conhece. Quando conhecemos, gostamos sempre. Houve uma altura, já mais velho (com 15 ou 16 anos), em que gostava de ler enciclopédias. Abria na letra A, ou numa página ao acaso, e lia uma entrada e eram todas coisas maravilhosas sobre biologia, astronomia, física... Ainda hoje gosto muito da física das partículas, a física do infinitamente pequeno, e a astronomia, que é a física do infinitamente grande e rápido. São coisas que põem em causa o que nós vivemos aqui todos os dias; estas regras não se aplicam – são mundos diferentes, paralelos. É melhor do que ver filmes. Um livro de astronomia ou física às vezes é mais emocionante do que muitas obras literárias (embora haja obras literárias também muito emocionantes). As obras literárias também vão para outro mundo, ao mesmo tempo infinitamente grande e pequeno, que é para dentro de nós; é uma viagem fantástica para dentro de nós. Fora de nós, no espaço, dentro dos átomos, também há mundos fantásticos, muito estranhos, habitados por seres que não se comportam como nós, que têm reações completamente inesperadas, que são e não são ao mesmo tempo... São sítios para nós desconhecidos,

.....

como quando fazemos viagens aqui no nosso mundo, até à China ou aos Andes, em que as culturas são diferentes, mas as pessoas são as mesmas e as diferenças não são muito grandes. Só que nesses sítios desconhecidos os seres são completamente diferentes e as «culturas» completamente inesperadas e surpreendentes.

Os seus escaravelhos contadores de histórias foram inspirados em alguém que conhece?

Acho que não. Não me lembro como me apareceu o escaravelho. Penso que essa personagem apareceu porque acho muita piada à palavra «escaravelho»; não é a mesma coisa que dizer «uma mosca» (se fosse, escolhia uma mosca para personagem). Para além disso, é um bicho pequenino, e só depois de o ter escolhido é que descobri uma característica fantástica: o escaravelho, no universo dos seres da biologia, é uma das espécies que tem mais variedades. Quando publiquei o meu primeiro livro com um escaravelho contador de histórias, o João Botelho (que ilustrou a obra), para fazer as guardas do livro, perguntou-me assim: «De que cor é que vou pintar o escaravelho?» E eu disse: «Podes pintar de qualquer cor que possas imaginar, que a tua imaginação nunca consegue atingir a imaginação da natureza. Usa as bolinhas, as riscas, amarelos, pretos, brancos, manchados com cores psicadélicas... Há de tudo!» São também pequenitos e muito resistentes. A história da Terra está cheia de exemplos em que os seres aparentemente mais frágeis são os mais resistentes. Costuma dizer-se que os carvalhos e as grandes árvores são derrubados com a tempestade, e os vimes ou as ervas vergam e, quando o vento ou a tempestade passam, voltam ao mesmo sítio. Os escaravelhos existem desde sempre e na cultura do Egito antigo eram símbolos da eternidade. Só descobri isso depois de ter usado o escaravelho e usei-o por causa da palavra. Quando escrevemos, muitas das opções que fazemos (sobretudo gostando de palavras) é por gostarmos de algumas palavras. Então na poesia há muitas coisas que se escrevem porque é bonito, porque gostamos da palavra, porque ela é estranha ou se dá bem com outras que estão ao lado (há palavras que são amigas, outras dão-se muito mal umas com as outras...). Há bocadinho disse que gostamos daquilo que conhecemos e quando dizemos que não gostamos de uma disciplina é porque não a conhecemos. Com as palavras é semelhante: há palavras que gostam mais umas das outras porque são mais parecidas, conhecem-se, têm o mesmo som, sentidos ou sonoridades parecidos e dão-se bem umas com as outras, são amigas. Quando são completamente diferentes, não gostam umas das outras, separam-se e entram em conflito. Se não temos muito cuidado com elas naquilo que escrevemos, começam à pancada ou a dar-se mal umas com as outras e acaba por dar mau resultado; começam a falar sozinhas, deixam de se dar harmoniosamente.

Porque é que esses escaravelhos têm tantas falhas de memória e se aborrecem tantas vezes?

Há quem diga – e eu tenho tendência a acreditar nisso – que todas as personagens de que o escritor fala são sempre ele, os bons e os maus. Nós somos todos, ao mesmo tempo, bons, maus, generosos, avaros, calmos e irritáveis... Somos muitas pessoas ao mesmo tempo. Quando um escritor escreve, naturalmente escreve sempre com a sua própria experiência de vida e, se calhar, todas as personagens que usamos em contos ou romances são sempre o autor. O Flaubert (escritor francês) dizia, a propósito da Madame Bovary, «Madame Bovary c'est moi» («A Madame Bovary sou eu») e de qualquer maneira, não só a Madame Bovary, mas todas as outras personagens eram provavelmente o Flaubert. Eu tenho muitas falhas de memória... É difícil falar dessas coisas de forma racional e consciente, porque são coisas subconscientes. Acho divertidas as falhas de memória e as distrações. Às vezes posso nem ser eu, podem ser pessoas das minhas proximidades e relações. A minha mulher, por exemplo, é muito

.....

distraída e às vezes tem comportamentos e reações como as do escaravelho: esquece-se completamente das coisas, distrai-se e muda de assunto... Não sei se será por isso. Eu não tenho – e acho que ninguém tem – uma consciência clara dos porquês: porque é que escrevi esta história e não aquela? Sei lá!

Porque é que não fez um gato contador de histórias e fez um escaravelho?

Não sei. Podia ser um gato também, mas acho mais divertido um pequeno escaravelho a contar histórias. Depois permite, como é assim muito pequenino, uma relação com a outra personagem (que sou eu ou as minhas filhas). Como todas as personagens são o escritor, se calhar, quando falo com o escaravelho estou a falar comigo. E a escrita e a literatura, em boa parte, são justamente isso: alguém que está a falar consigo mesmo em voz alta, por escrito.

Porque é que a literatura é importante? O que é que a leitura de um bom livro nos pode trazer de especial?

Traz coisas fantásticas! Há uns versinhos que escrevi num livro, *O Pássaro da Cabeça* (que tem pequenos poemas e excertos retirados do livro *O Inventão*), que dizem assim:

«Embora às vezes não pareça,
embora te digam que não,
tens um campo de aviação
dentro da tua cabeça!»

A literatura (como o cinema, a música...) e a leitura são uma forma de viajar por sítios fantásticos, sítios que existem ou não, dentro e fora de nós. Há bocado falei em mundos tão pequenos, tão grandes ou tão rápidos que nem os conseguimos conceber. A velocidade da luz é 300 000 km/s (num segundo anda trezentos mil quilómetros); a estrela mais próxima do sistema solar é a Alta do Centauro, que está a 100 anos-luz (a luz demora cem anos a chegar de lá até aqui, a 300 000 km/s). Isto é a estrela mais próxima, porque depois há galáxias distantes... A maior parte das estrelas que estamos a ver já morreram há muito tempo e estão tão longe, tão longe, que a luz ainda está a vir para cá. É completamente inconcebível. A leitura permite-nos, portanto, andar por esses mundos todos, por mundos infinitamente grandes e pequenos, e extremamente misteriosos, dentro de nós mesmos. O cinema também faz isso, mas a nossa cabeça (o avião que é a nossa imaginação) é sempre mais rica do que qualquer imagem ou câmara fotográfica. Às vezes (isto já deve ter acontecido a toda a gente) leio um livro e vou ver um filme feito a partir desse livro, e as personagens e lugares não são nada como eu os imaginei; os meus são sempre muito mais bonitos ou emocionantes. A literatura é uma forma milagrosa de sairmos de nós ou entrarmos para dentro de nós. Mesmo que tenhamos um guia, que é o escritor, podemos fazer tudo o que quisermos: seguir os seus passos ou desviar-nos. Quando lemos um livro, podemos reescrevê-lo permanentemente dentro de nós e à nossa maneira. Isso, além de ser milagroso e maravilhoso, permite-nos não ficarmos presos a este mundo tão limitado e medíocre à nossa volta. Permite-nos até, no regresso, relacionarmo-nos melhor com o mundo à nossa volta; aceitá-lo e compreendê-lo melhor e se calhar até tornar mais pequenos e pôr no seu devido lugar os problemas e a importância do que existe à nossa volta (pessoas, acontecimentos, realidades da nossa vida a que damos uma importância enorme); permite-nos ganhar um espírito crítico em relação a eles e vê-los de uma forma diferente. Porquê? Por virmos de um livro ou livros iluminados com a luz de outros mundos, o que nos permite ver a realidade do que se passa à nossa volta de maneira diferente; nem sempre mais feliz, mas pelo menos diferente. Isso faz muito bem à saúde. ■